

**SALVADOR: a cidade feia e desumana**

Gey ESPINHEIRA (Coord.); Regina T. LOPES; Antonio Mateus de C. SOARES; José Raimundo de Jesus SANTOS; Fernando C. LIMA NETO; Adailton B. G. FERREIRA. *Sociabilidade e Violência: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador*. Salvador: Ministério Público do Estado da Bahia/Universidade Federal da Bahia, 2004, 204p.

Gey Espinheira

Recentemente foi lançado o livro: *Sociabilidade e violência: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador* resultado do trabalho do Grupo de Pesquisa *Cultura, cidade e democracia: representações, sociabilidade e movimentos sociais*, credenciado junto ao CNPq, e que venho coordenando desde 2001. O livro tem um nome discursivo, propositamente abrangente, mas ao mesmo tempo convergente em termos de uma problemática comum que se pode chamar de urbana. Seis autores se unem e com seus olhares os mais diversos revelam a outros os mundos percebidos por suas atenções e sensibilidades.<sup>1</sup>

A violência na sociedade brasileira assume uma posição de destaque dada a sua dimensão e alcance, mas também as suas mais diversificadas formas. O homicídio passa a ser a principal causa externa de morte no país e o segmento mais sensível é o da população masculina jovem, pobre, afrodescendente, que em outros termos poderia ser denominada de população periférica das grandes cidades, a exemplo do Subúrbio Ferroviário que estudamos, em Salvador, dentre outras áreas da cidade que assim podem ser sociologicamente classificadas ou conceituadas.

<sup>1</sup> Cinco deles foram – e são – estudantes, no percurso da vida acadêmica, a compor um projeto de pesquisa e de extensão universitária, com suas valiosas contribuições teóricas.

Chamou me atenção a entrevista com o Cientista Social Hélio Jaguaribe, na Folha de São Paulo de 18 de julho passado, em que a crise – ou melhor, as crises brasileiras – são revisitadas. Um destaque especial foi feito e nos mereceu registro:

Por outro lado, o que me causa muita apreensão é o seguinte. Na medida em que as grandes metrópoles brasileiras estão submetidas a formas incontroláveis de criminalidade e violência, isso está criando uma situação de falta de segurança que pode gerar uma reação na direção do que chamaria de um fascismo policial. Isso é um perigo muito grande. (Folha de São Paulo, 18.07.2005, A12)

A identificação da criminalidade com a crise política brasileira é oportuna, embora nem sempre feliz a conclusão e mais infelizes ainda as soluções apontadas, quando o são. É reconhecida a inflexão histórica do Ocidente nos anos 80 na aceleração do neoliberalismo como ideologia dominante na ampla diversidade da vida social, política, econômica e cultural, de modo que em todas as dimensões da vida o neoliberalismo se inseminou e se disseminou, e uma dessas dimensões foi a do individualismo e este em suas duas vertentes: a de emancipação do indivíduo de estruturas coletivas, a exemplo da família e da comunidade; e do individualismo a-ético, do tirar vantagem em tudo e o de garantir, primeiramente, os ganhos, na famosa recomendação: *em casa de farinha pouca, meu pirão primeiro*.

O individualismo não é um mal em si mesmo, mas também um dos ideais mais caros de ideólogos libertários dos séculos XIX e XX, a busca da autonomia do sujeito; e vale enfatizar a passagem do modelo da sociedade disciplinar, tão bem analisado por Foucault, para a sociedade digital, de que nos fala Deleuze, em que os moldes foram abandonados ou quebrados. Sociedade da modulação, flexível, pluridimensional, oposta àquela outra analisada por Marcuse na unidimensionalidade da sociedade industrial, a que Giddens hoje denominaria de pós-tradicional.

Há, portanto, densidade conceitual para explicar as radicalizações das mudanças e de algumas das transformações estruturais que vieram na

esteira da reestruturação produtiva, na metamorfose do trabalho e na corrosão do caráter, como analisados por Gortz e Sennett. Desestabilizada nos valores que pareciam os pilares da moralidade pública e da vida privada, o trabalho e a educação que lhe é correspondente, assim como a orientação na antiga forma de carreira profissional, com visíveis repercussões sobre a família como grupo agora incapaz de dar conta do universo e dos projetos existenciais dos jovens. O que a família, de um modo geral, deixou como herança foi o exemplo do fracasso dos mais velhos diante das possibilidades abertas da modernidade líquida, que dissolve os sólidos, como na velha metáfora de Marx e Engels, nos atualiza Bauman.

Um modelo exaurido e fracassado, do qual nada fica a alimentar o presente, senão uma confusa e difusa nostalgia em relação a valores que se querem existido larga e fartamente a compor uma sociedade boa, equilibrada e pacífica, e por vezes chegamos mesmo a acreditar de que estamos falando de algo que realmente aconteceu, que foi patrimônio nosso em passado recente que cabe na memória de nossos avós e pais.

Se recuarmos um pouco na história esbarramos, de imediato, com o estatuto da escravidão; um pouco mais recentemente, com os anos duros do Estado Novo e da Ditadura Militar dos anos sessenta aos fins dos oitenta, 21 anos de autoritarismo implacável a vergar o Brasil segundo o arco do imperialismo contemporâneo. Os nossos anais estão repletos de crueldade e de exemplos que não devem ser seguidos. Uma história de negatividades.

Herdamos uma sociedade autoritária – tão bem analisada por um conjunto de intelectuais que cumpriram o papel de desvelar o Brasil escondido ou camuflado: Victor Nunes Leal, Raymundo Faoro, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Celso Furtado, Caio Prado Júnior e, mais recentemente, mas não menos incisivo, Francisco do Oliveira, dentre muitos outros que aqui não são nomeados, mas também não são esquecidos –, valendo a grande referência, por dever de ofício, ao nosso Florestan Fernandes, mas também ao nosso

próximo, Milton Santos.

Estamos, pois, na linha preconizada por Hélio Jaguaribe, não mais recriando o ISEB, porque hoje temos estruturas maduras, a exemplo da Universidade e de tantos institutos, além da própria mídia, reunindo intelectuais e pesquisadores para a compreensão da realidade nacional, complexa e dissimulada sob o discurso da ideologia dominante. Estamos utilizando o método científico e emprestando a credibilidade da Universidade no desvelamento da vida cotidiana, ainda que em aspectos mais banais da existência: a criminalidade, que longe de ser apenas um efeito da pobreza e das desigualdades, o é da forma como a sociedade autoritária se institucionalizou e se cristalizou, recusando-se à democratização. Eis, portanto, o marco da crise brasileira, o âmago das outras crises que são como efeitos secundários desta que é maior e mais profunda.

O nosso foco de atenção está no *unheimlich*, (Freud) oposto ao *heimlich*, termo que quer dizer íntimo, secreto, familiar e doméstico, mas também como desastre, sinistro. É nesta última acepção que o tomamos: a dimensão sinistra da violência brasileira, dos assassinatos e, o pior, da cultura de cumplicidade socialmente desenvolvida com o autoritarismo e com a violência do Estado. Trabalhamos, portanto, segundo a metodologia do estranhamento para fugirmos ao contágio da banalidade e dos perigos da banalização. Por isso mesmo insistimos em apresentar um Subúrbio Ferroviário vivido cotidianamente por seus moradores, em que se contabiliza diariamente, nas sombras luminosas das noites os cadáveres desovados, mortos sem sepultura, como exemplos dos grupos de extermínio a nos dizer como deve ser a aplicação da Justiça na Bahia. Contabilidade da matança policial, da cultura de eliminação, do policial total, aquele que conhece, captura, julga e executa o suspeito, porque, na linguagem policial, “*bicho tem que morrer*”.

Trouxemos o Subúrbio com as suas contradições, com suas vozes e com a ação de muitos moradores que se indignam e reagem a este estado de coisas que tão perversamente configura a socie-

dade local. Esta foi a nossa preocupação e a nossa responsabilidade ética em devolver à sociedade o conhecimento que nos foi possível realizar desse universo humano heterogêneo, incrivelmente complexo, que se chama de Subúrbio Ferroviário, ou mais genericamente, “periferia de Salvador”.

(Recebido para publicação em julho de 2005)  
(Aceito em agosto de 2005)

**GEY ESPINHEIRA é Sociólogo, Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), Professor do Departamento de Sociologia da Universidade Federal da Bahia e Pesquisador associado ao CRH. Atuou como coordenador do Grupo de Pesquisa *Cultura, cidade e democracia: representações, sociabilidade e movimentos sociais* credenciado pelo CNPq.**